

O *ETHOS* EM(CENA): A FORÇA ARGUMENTATIVA DO HUMOR

Esther Gomes de Oliveira (UEL)¹

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo

Rosemeri Passos Baltazar Machado (UEL)²

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

O objetivo deste artigo é pesquisar a questão do *ethos*, no âmbito do discurso do humor, e os mecanismos argumentativos que consolidam as posições discursivas desse *ethos*. O texto que servirá de *corpus* para a análise foi tirado da Revista Veja, de 28 de abril de 2010, mais especificamente, da seção Gente. Com respaldo nas teorias da Análise do Discurso e da Semântica Argumentativa, focaliza-se: a) o *ethos*, que é constituído no momento da enunciação e tenta criar uma imagem confiável e persuasiva diante de seu interlocutor; b) o gênero humor que, atualmente, conquistou notoriedade e passou a fazer parte de estudos relacionados às mais diversas áreas, principalmente, no que tange à leitura e ao ensino; c) os recursos argumentativos e o emprego do sufixo –íssimo para superlativizar adjetivos e substantivos, e outros recursos, em menor escala, como, por exemplo, a interjeição, o estrangeirismo e a série sinonímica. Dessa forma, pretende-se salientar que a práxis argumentativa, ao mobilizar e interligar esses elementos, é responsável por expressar opiniões, comunicar valores e obter a adesão do interlocutor.

Palavras-chave: *Ethos*. Humor. Argumentação.

... é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações.
(DUCROT; CAREL, 2008, p.18)

INTRODUÇÃO

As pesquisas a respeito do texto e do discurso enveredaram-se por diversas áreas, são ramificações que foram influenciadas pela publicação, em 1958, da obra *Tratado de Argumentação: a Nova Retórica*, dos autores Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, da Escola de Bruxelas.

Portanto, conforme Oliveira (2004, p.119),

¹ Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Contato: ego@uel.br

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Contato: rosemeri@uel.br

O século XX, depois de assistir ao aparecimento das teorias estilísticas de Bally e Vossler, presencia um verdadeiro processo de revalorização da Retórica, pois a segunda metade desse século é marcada pelos estudos sobre a argumentação, reflexões que perpassam pelos vários ramos do campo da linguagem: Nova Retórica, Análise do Discurso, Pragmática, Análise da Conversação, Teoria dos Atos de Fala, Teoria da Enunciação e Semântica Argumentativa, entre outros.

Neste artigo, pretendemos analisar um texto midiático (extraído da Revista Veja digital) e seus efeitos de sentido, resultantes de mecanismos discursivos e argumentativos que se interligam para concretizar efeitos de sentido irônicos, cuidadosamente construído por um *ethos* sarcástico e pessimista quanto ao fato por ele veiculado.

SOBRE A NOÇÃO DE *ETHOS* E OS EFEITOS DO DIZER

O princípio do discurso é a comunicação e para tanto é necessário, durante o processo de enunciação, que alguns aspectos como a imagem que se pode ter e fazer do outro e a observação de todo o entorno sejam, devidamente, considerados. Isso quer dizer que, ao enunciar, é possível captar uma imagem do enunciador, ou seja, o locutor constrói uma imagem de si com o propósito de influenciar seu alocutário. Essa noção remete à ideia do que, na retórica antiga, chamava-se *ethos*. Desde a Idade Antiga (Grécia e Roma), o fato de se passar, automaticamente, durante o discurso, uma imagem de si, não quer dizer que tal imagem deveria ser a real correspondente à identidade desse enunciador. Por isso, de acordo com Aristóteles, no que se refere aos discursos orais e à arte da retórica, o *ethos*, isto é, esse autorretrato revelado na/pela enunciação (demonstrando o ser e o parecer), constitui um dos recursos estratégicos utilizados para persuadir e convencer. Lembrando Amossy (2005, p.17), “o *ethos* está ligado [...] à questão da legitimidade [do locutor], ou melhor, ao processo de sua legitimação pela sua fala.”

Atualmente, por meio dos estudos discursivos, o *ethos* está sendo tratado dentro de modalidades distintas e não apenas a partir dos discursos orais. É possível verificar tal conceito em diversos gêneros pertencentes a várias esferas, nas quais a comunicação e a interação constituem papel fundamental.

Para este trabalho pretendemos analisar o *ethos*, relacionado ao campo do humor e da ironia. Nesse sentido, seguindo os estudos discursivos (tanto pelo prisma da Análise do Discurso como da Semântica Argumentativa, ambas de orientação francesa), devemos ter em mente que, após construído na enunciação, o *ethos* é manifestado por meio do discurso, por

isso esse fenômeno não é algo traçado previamente, é a situação, o momento da comunicação que vai levar a essa formação. Conforme já citado, o *ethos* é, na realidade, a imagem do enunciador criada no momento da enunciação, pois, “A enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.” (BENVENISTE, 1989, p.84).

Assim sendo, todo discurso está atrelado a uma voz que apresenta, por sua vez, de forma inseparável e de igual importância o dizer e os modos de dizer dessa voz. Segundo Maingueneau (1997, p. 50),

O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem.

Dessa forma, toda fala acaba sendo, direta ou indiretamente, uma representação de si, por isso a ideia de construção da imagem, ou seja, a imagem que se faz de si está vinculada ao estereótipo³, o qual poderia ser pensado como um *ethos coletivo*. Possenti, ao comentar a respeito de estereótipo e de identidade, afirma que a ligação com o imaginário e o social não impede que ambos os aspectos não tenham relação, também, com o real: “[...] o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (frequentemente negativa), eventualmente um simulacro,” (POSSENTI, 2002, p.166).

Para Amossy (2005, p.25), essa noção de estereótipo possibilita estudar um aspecto ainda pouco explorado do *ethos*: o chamado *ethos* prévio, isto é, “a imagem que o auditório faz do locutor no momento em que este toma a palavra.” Dadas as devidas condições, a imagem vai sendo construída e revelada, é a partir do Outro que os conhecimentos vão se transformando e tomando forma.

Quanto ao gênero de humor, podemos exemplificar essa relação *Ethos* – Estereótipo ao propor a leitura do seguinte enunciado sem a pontuação: *Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de quatro a sua procura*. Em uma cultura que ainda guarda traços de uma sociedade machista, mesmo que o sujeito alocutário pertença ao sexo feminino, a primeira leitura que se faz, frequentemente, é com a vírgula depois da palavra “tem”. O mesmo ocorre com os clichês, às vezes entendidos como enunciados preconceituosos, ao se

³ A noção de estereótipo, segundo Amossy (2005, p.125), diz respeito a uma ideia coletiva, isto é, refere-se “a um esquema coletivo cristalizado” vinculado a saberes partilhados entre os interlocutores. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p.213), o estereótipo, “como o clichê, depende do cálculo interpretativo do alocutário e de seu conhecimento enciclopédico.”

referirem a pequenos acidentes no trânsito causados por mulheres: “Só podia ser mulher!”. Salientamos que há um *ethos* apresentado por um enunciador que demonstra uma imagem por meio de um discurso que pode ou não ser verdadeiro. Trata-se de um jogo discursivo, no qual os processos ideológicos são colocados e captados na enunciação de forma a atestar, a legitimar o discurso (por isso a relação *ethos* e argumentação).

Charaudeau e Maingueneau (2004) afirmam haver, ainda, o chamado ***ethos prévio*** ou **pré-discursivo**. Apesar de alguns conflitos que tal noção possa trazer, pois faz referência mais ao aspecto extradiscursivo do que à enunciação propriamente dita, o *ethos* pré-discursivo diz respeito à representação que se tem do locutor, antes mesmo que ele se manifeste (está relacionado à imagem prévia que os alocutários fazem de seu locutor).

A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno – às vezes denominada *ethos* prévio ou pré-discursivo – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito, ele tenta consolidá-la, retificá-la, retrabalhá-la ou acentuá-la. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.221)

Enquanto o ***ethos pré-discursivo*** está relacionado ao gênero de texto, o ***ethos discursivo*** está ligado ao discurso (*ethos dito*) e aos aspectos paralinguísticos (*ethos mostrado*), como entonação, gestos, expressões do rosto e do corpo, entre outros. Enfatizamos que a interação entre as várias instâncias enunciativas se faz necessária, o que, muitas vezes, torna difícil a separação entre *ethos* discursivo e outro. Segundo Amossy (2005, p.82), “A distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o ‘dito’ sugerido e o ‘mostrado’ não explícito.”

Portanto, a prática discursiva revela que a noção de *ethos* fornece contribuição imprescindível que diz respeito à aceitação ou não de um determinado ponto de vista, posicionamento. De forma mais simples, seria o mesmo que dizer que tal fenômeno está intimamente ligado à adesão do ouvinte. Segundo a concepção terminológica de Ducrot (1987, p.189), “o *ethos* está ligado a L, o locutor⁴ enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado [*affublé*] de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável.”

⁴ Ducrot (1987, p. 182) define locutor como o ser responsável pelo enunciado, como o ser a quem é dada a reponsabilidade de determinado enunciado. É a ele (ao locutor) que o pronome “eu” e outras marcas de primeira pessoa se referem.

Santana Neto (2011, p.24) segue essa noção de *ethos* e cena enunciativa, em que o enunciador deve ser visto como parte da instância enunciativa

... o enunciador não é o ponto de origem estável que se experimenta desta ou daquela maneira, mas ele é um ponto de um quadro funcional interativo, uma instituição discursiva inscrita numa certa configuração cultural que implica os papéis, os lugares e os momentos da enunciação legítimos, um suporte e um modo de circulação para o enunciado.

Dessa forma, o *ethos* não é dito explicitamente, nem tampouco está ligado a um indivíduo (figura real), ao contrário, é mostrado, revelado no/pelo discurso por meio das palavras, dos modos de dizer (lembrando que esse “dizer” refere-se tanto aos conteúdos orais como escritos e visuais).

O GÊNERO DO HUMOR

Os gêneros estão relacionados às atividades humanas, isto é, conforme as necessidades surgem, os gêneros são criados sócio-historicamente, no intuito de atender às necessidades particulares de uso. Dessa forma, a linguagem e os seus usos estão diretamente ligados às relações humanas, de forma cultural, social e, portanto, interativa. De acordo com os estudos bakhtinianos, tudo que diz respeito à ordem cultural deve estar relacionado à linguagem. É a linguagem que leva ao conhecimento e proporciona os embates, principalmente, os sociais (a palavra torna-se uma importante arma nesse campo de batalha), e o enunciado é o meio pelo qual a comunicação se estabelece. Assim, os chamados “enunciados concretos” possibilitam a reprodução das atividades humanas e, conseqüentemente, a criação dos gêneros.

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionário ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos e leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicitários, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. (BAKHTIN, 2000, p.262)

No que tange à teoria dos gêneros discursivos e focando tanto o gênero falado como o escrito (literário ou não), Bakhtin (2000) explica que os contextos comunicacional e sócio-histórico são de extrema importância não só no que se refere à leitura (recepção/compreensão) como também à elaboração dos enunciados, à preocupação com a natureza dos enunciados e, conseqüentemente, à relação/interação entre língua e vida.

Assim sendo, os gêneros devem ser entendidos como resultado de um trabalho coletivo, portanto social e dinâmico, que fazem parte de uma situação de enunciação concreta. Ainda seguindo as concepções de Bakhtin (2000, pp.282-283):

... o homem se comunica através de gêneros discursivos, pois [a] vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso. [...] Falamos através de determinados gêneros de discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo.

A noção de gênero é tratada há muito, desde os estudos de Aristóteles, o qual classificava os gêneros em: judiciário, deliberativo e epidético. Entretanto, a forma de abordagem a respeito dessa questão dos gêneros assumiu nova postura, ou seja, os estudos voltaram-se mais para a funcionalidade assumida ou descrita pelo gênero do que ao tipo, à classificação propriamente dita. Tal abordagem enfatiza não só a estrutura, mas, acima de tudo, destaca a atuação dos gêneros. Logo, se é fato que o homem se comunica por meio dos gêneros discursivos, nada mais óbvio que pensar no gênero como um instrumento de interação, um meio de produção de enunciados específicos a cada situação.

Os enunciados constituem o meio por excelência para a transmissão dos conhecimentos, sentimentos, posicionamentos dos sujeitos. É durante o processo da enunciação que os enunciados são formulados e, conseqüentemente, desvendados os sentidos dos vários dizeres. Por isso, em uma situação de enunciação concreta, não só os aspectos linguísticos ligados ao verbal escrito e oral, mas também aqueles ligados ao não verbal devem ser considerados. Bakhtin (2000) afirma não ser possível haver apenas um sentido para cada situação enunciativa, isto é, um mesmo enunciado pode emitir variados sentidos e originar vários outros enunciados:

[...] os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de

tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] (BAKTHIN, 2000, p.297)

Conforme já comentado, assim como os sentidos são diversos, também são os discursos, ou seja, o discurso, além de poder ser deslocado, é reflexo e, ao mesmo tempo, marcado pelo sócio-histórico. Para o presente trabalho, focalizamos um discurso midiático que, devido às condições de produção e da própria formação discursiva, impregna-se de outro campo: o humor.

O humor, assim como o assunto gênero, também não é novo e sofreu alterações no que diz respeito à forma de tratá-lo. Atualmente, o humor assumiu notoriedade e passou a fazer parte de estudos relacionados às mais diversas áreas, principalmente no que concerne à leitura e ao ensino. Segundo Possenti (2010, p.25), em relação ao humor, “tem sido percebido que se trata de *corpus* privilegiado para uma espécie de teste de diversas teorias ou de avaliação de práticas como a da leitura.” Para o autor, essa atenção que o humor tem chamado para si, deve-se, talvez, ao fato de haver muitos questionamentos a partir dos aspectos linguístico, textual, discursivo e cognitivo, entre outros.

Esses aspectos são heterogêneos internamente, mas com procedimentos claros que caracterizam cada um. Os enunciados pertencentes ao mundo do risível são construídos/ampliados e os vários efeitos de sentido, conseqüentemente, formulados e captados, propiciando a compreensão/interpretação não apenas do enunciador, mas também do Outro (dos outros discursos, ou melhor, do interdiscurso). De acordo com os estudos de Pêcheux (1990, p.53), os enunciados estão sempre à espera de uma leitura, “todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.” Ainda nessa mesma direção, seguem os estudos de Orlandi (1996, p.115), para quem

Todo sujeito, a dizer, produz o que chamo um gesto de interpretação que é a inscrição de seu dizer no interdiscurso (no dizível) para que ele faça sentido. Aí trabalha um efeito ideológico elementar que está no fato de que todo discurso se liga a um discurso outro, por sua ausência necessária.

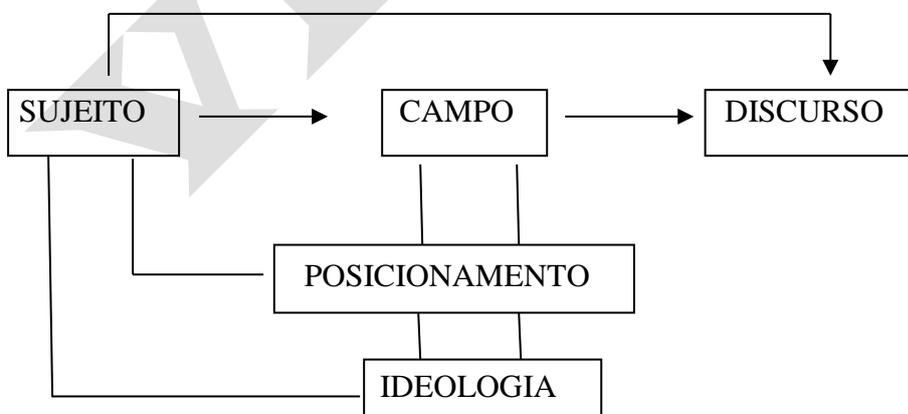
Os discursos de humor têm, na sua essência, o desmacaramento de certos temas, a ruptura de conteúdos, de certa forma, cristalizados ou tidos como comuns pela sociedade e pela própria história, o que, por sua vez, podem gerar polêmica. Esse tipo de enunciado consegue revelar assuntos, posicionamentos e pontos de vista que, às vezes, ficam encobertos quando presentes em gêneros classificados como sérios. Travaglia (1990, p.68) afirma que “o

humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo” e destaca que o humor pode revelar um caráter libertador, instaurar a polêmica, gerar conflito e promover o desequilíbrio.

Uma característica a ser apontada em relação ao humor é a sua conexão com os aspectos próprios do ser humano, por isso sua estreita relação com a arte, a ciência, a filosofia, enfim, com os assuntos criados e voltados à humanidade. Nessa relação com o humano e, portanto com a função por ele exercida/assumida, encontra-se outra característica: a capacidade de o humor apresentar uma forma específica para cada um dos diferentes gêneros de humor (charges, tiras, piadas, paródias e outros).

Trazendo para os estudos discursivos, mais especificamente para o gênero de humor, de fato, é um campo aberto no qual os discursos sofrem alterações e ampliações e, conseqüentemente, descrevem momentos históricos, memórias e contextualizações diferentes. Alguns aspectos tornam-se mais claros e mais fáceis de serem tratados se considerarmos o humor como um campo. Dessa forma, segundo apontamentos de Possenti (2010), um discurso não é ação ou decisão de um indivíduo, mas sim o resultado de um conjunto de regras que o sujeito segue em um determinado campo.

O traço principal de um campo, descobriu-se, é que seus membros seguem regras específicas. Ou seja: há regras que o caracterizam, que são constitutivas de um campo. A principal consequência desse conceito é que, adotando-o, não se pode mais considerar que um discurso (e outras atividades a ele relacionadas) são ações ou decisões de um indivíduo – um sujeito, um pesquisador, um autor – mas o resultado de um conjunto de regras que esses indivíduos seguem em um campo específico. (POSSENTI, 2010, p.171)



Para Orlandi (1999, p.62), não há discursos fechados em si, únicos e originais, o que há são “processos discursivos dos quais se podem analisar e recortar estados diferentes.” Os

discursos relativos à esfera do humor, ao mesmo tempo em que funcionam como instrumento de denúncia, gerador de polêmica relativa a temas já existentes (criando, assim, o contra discurso), podem também enfatizar (reforçar) pontos de vista já existentes ou, simplesmente, funcionar como provocadores do riso (derrisório ou não). Segundo Freud (1969, p.257):

O humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele, atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso e então operam sobre estes motivos que o suprimem *in statu nascendi*.

Ao aliar o humor ao prazer, consideramos o riso e, ao mesmo tempo, o aspecto social. O riso é o efeito do cômico e ambos estão situados no campo do humor, por isso, só é possível entender o riso em seu ambiente natural, que é a sociedade. Assim sendo, o riso deve ter uma significação social, uma vez que o cômico é casual, ou seja, permanece na superfície da pessoa, mas deve ser entendido como um gesto social, pois é necessário o outro para que o cômico se instaure e o riso, conseqüentemente, se efetue.

A COMICIDADE DO RISO E O RECURSO POLIFÔNICO DA IRONIA

Conforme já mencionado, sempre será necessário o outro para que haja comicidade, não há como desfrutar do aspecto cômico se se sentir só, isolado. Outro ponto importante é com relação à frieza de sentimentos que o aspecto cômico exige, isto é, para que haja o efeito do riso, é necessário desvencilharmo-nos da emoção. No caso de piadas, por exemplo, tal procedimento mostra-se de forma bastante clara, pois, ao rir das piadas⁵ de cunho machista, a mulher deve se distanciar de seus sentimentos/ideais feministas para que, assim, consiga rir do conteúdo estereotipado presente no gênero em questão.

Para Bergson (1983, p.7), é preciso “emudecer” os sentimentos para que haja o riso:

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade.

⁵ Possenti (2010, p.40) afirma que “as piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada, vale repetir.”

O mesmo ocorre com as charges, cujo riso, na maioria das vezes, é resultado de uma percepção, nem sempre rápida e pontual, de um exagero, de uma deformação. Daí a importância do conhecimento compartilhado entre produtor chargístico e interlocutor para a apreensão dos efeitos do sentido cômico. Ainda de acordo com Bergson (1983), reforçamos que o cômico na charge não está, necessariamente, atrelado ao exagero em primeira mão.

A caricatura, que tem algo de diabólico, ressalta o demônio que venceu o anjo. Trata-se sem dúvida de uma arte que exagera, e, no entanto, definimo-la muito mal ao lhe atribuímos por objetivo uma exageração, porque, e inversamente podemos exagerar ao extremo sem obter um verdadeiro efeito de caricatura. Para parecer cômico, é preciso que o exagero não pareça ser o objetivo, mas simples meio de que se vale o desenhista para tornar manifestas aos nossos olhos as contorções que ele percebe se insinuarem na natureza. O que importa é essa contorção; ela é que interessa. (BERGSON, 1983, p.17)

Enfim, além da comparação/deformação do exagero, o cômico utiliza-se de outros aspectos para produzir o riso, dentre os quais, citamos o disfarce, a imitação (muito presente nas festas de carnaval) e a ironia (recurso a ser analisado no presente artigo).

A ironia consiste em enunciar o que deveria ser, fingindo-se acreditar ser precisamente o que é:



Nesse sentido, a ironia é definida como uma espécie de antífrase cujo sentido é captado por meio da polifonia nela presente, ou seja, o que há, de fato, em um enunciado irônico é a presença de outro sentido que não apenas o literal. Um enunciado irônico tem o objetivo de dizer algo diferente do que foi dito e está sempre relacionado ao campo do humor, seja para dizer de forma depreciativa, polêmica ou mesmo séria.

A ironia não se coloca de forma totalmente explícita no enunciado, ainda assim, é bastante utilizada nas mais variadas áreas e situações. Trata-se de um recurso exigente tanto quanto ao papel do locutor como do interlocutor, pois requer meticuloso exercício por parte de ambos, no processo de identificação e apreensão dos efeitos de sentido. E, assim, chegamos a uma importante função da ironia: a comunicativa. Mesmo que não se pretenda estudar a ironia fora dos conceitos de linguagem, levando em consideração os atos e características psicológicas do produtor, é importante que não se deixe de lado a concepção

aristotélica citada por Brait (1996, pp.21-23), na qual a ironia pode ser vista como “uma espécie determinada de disposição e atitude intelectuais próprias de um tipo de homem.”

De acordo com a visão polifônica (também seguida nessa pesquisa), Ducrot (1987, p.198) ressalta a duplicidade e, conseqüentemente, a polêmica, muitas vezes, instaurada em enunciados irônicos:

Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda.

Com relação à ironia, o importante a destacar é a forma e os propósitos ao estudá-la, ou seja, ela deve ser entendida a partir dos efeitos de sentido, pois é um fenômeno empregado com o a finalidade de descrever comicamente uma realidade e de estabelecer o diálogo. Por isso, como aponta Duarte (1994), é relevante que tanto produtor quanto receptor estejam imbuídos no mesmo propósito comunicativo: a emissão de um enunciado dual e a compreensão/apreensão desse sentido múltiplo.

Nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, sendo este aquele que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida. (DUARTE, 1994, p.55)

Portanto, apesar da necessidade de um enunciador irônico e de um interlocutor que entenda tal enunciado, a ironia, como descreve a estudiosa Hutcheon (1985, p.74), não deve ser vista como um recurso atrelado, primeiramente, à questão de intenção, mas sim à interpretação e atribuição. Por isso, ainda de acordo com a autora, se a ironia não for devidamente interpretada, isso se deve, pelo menos em certa parte, às diferenças de contextos, normas e regras daqueles envolvidos no jogo irônico.

Segundo Bakhtin (1987), a ironia provocou uma revolução nas formas textuais, pois acabou com certas construções de sentido muito enfático. Com a ironia, veio também o riso e ambos com a finalidade de superar situações problemáticas de uma forma menos carregada (e isso tanto por meio da ironia mais leve, quase imperceptível, quanto da declarada e zombeteira).

Para Bergson (1983), a ironia e o humor, ainda que sejam aspectos provenientes da sátira, não podem ser visos como sinônimos. Para explicar tal posicionamento, o autor categoriza a ironia como um recurso de natureza retórica e o humor de natureza mais científica, partindo da oposição entre **o que é** e **o que deveria ser**:

Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticolosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. (BERGSON, 1983, p.68)

Seja como instrumento para ataques e instaurações polêmicas, seja como meio para o estabelecimento da ruptura (quebra de expectativa), o humor (e todos os recursos a ele atrelados: ironia, ambiguidade, aspecto cômico, entre outros) constitui um campo cujos domínios estão tomando proporções relevantes desde o ensino até a pesquisa.

“AS CONDECORADÍSSIMAS”

Conforme mencionado na introdução, esse trabalho pretende fazer um esboço de análise, levando em consideração, principalmente, alguns aspectos que evidenciam a funcionalidade do campo do humor, como a questão do *ethos*, da ironia e do riso.

E nada mais apropriado, ao falar de humor, do que dar a este item o mesmo título do texto selecionado: “As condecoradíssimas”.

A seguir, apresentamos o texto estudado e sua transcrição.



As condecoradíssimas

Salve, viva, aleluia, hosana. Saibam todos quantos estas linhas lerem que novas e meritíssimas, eminentíssimas, prodigiosíssimas e maravilhosíssimas condecoradas com o grau máximo da Ordem de Rio Branco, por autoevidentes “feitos honrosos, serviços meritórios e virtudes cívicas”, já estão com a fita no peito, com todo o

respeitíssimo. Pela ordem na foto, mas não evidentemente por altíssima e poderosíssima importância, aparecem: **ERENICE GUERRA**, doppelganger de Dilma Rousseff, habilíssima nas artes ocultas dos dossiês; **ANA AMORIM**, excelsíssima esposa do próprio; **MARIZA ALENCAR**; e **MARISA LULA DA SILVA**, que dispensam apresentaçõesíssimas. Honradíssimos e agradecidíssimos, aplaudamos.

As condecoradíssimas

1 Salve, viva, aleluia, Hosana. Saibam
todas quantas estas linhas lerem que
novas e meritíssimas, eminentíssimas,
prodigiosíssimas e maravilhosíssimas
5 condecoradas com o grau máximo
da Ordem de Rio Branco, por
autoevidentes “feitos honrosos, serviços
meritórios e virtudes cívicas”, já estão
9 com a fita no peito, com todo o

10 respeitíssimo. Pela ordem na foto,
mas não evidentemente por altíssima
e poderosíssima importância,
aparecem: **ERENICE GUERRA**,
doppelganger de Dilma Rousseff,
15 habilíssima nas artes ocultas dos
dossiês; **ANA AMORIM**, excelsíssima
esposa do próprio; **MARIZA ALENCAR**;
e **MARISA LULA DA SILVA**, que dispensam
apresentaçõesíssimas. Honradíssimos
20 e agradecidíssimos, aplaudamos.

Não podemos deixar de observar que a imagem das senhoras homenageadas com as respectivas faixas azuis auxilia, sobremaneira, o efeito de sentido irônico expresso pelo superlativo constante já no título da reportagem. Além disso, a intensa repetição do emprego de outros superlativos, tanto os ligados, diretamente, às damas mencionadas (“meretíssimas”, “eminentíssimas”, “prodigiosíssimas”, “maravilhosíssimas”, “habilíssima”, “excelsíssima”), como os menos ligados às figuras femininas (“respeitíssimo”, “altíssima”, “poderosíssima”, “apresentaçõesíssimas”, “honradíssimos”, “agradecidíssimos”) revelam, por meio da ironia, o forte tom satírico do discurso presente no texto.

Nesse sentido, o conhecimento partilhado, principalmente no que se refere ao código, é de suma importância para o entendimento dos efeitos de sentidos propostos pela ironia. Hutcheon (1985), ao comentar alguns pontos observados por Kerbrat-Orecchioni (1980), afirma que a ironia exige de seu leitor uma “competência tripla”, ou seja, a competência linguística, a retórica e a ideológica.

A necessidade básica de competência linguística é mais evidente no caso da ironia, em que o leitor tem de entender o que está implícito, bem como aquilo que é realmente afirmado. [...] A competência retórica ou genérica do leitor pressupõe um conhecimento das normas retóricas e literárias que permitem do desvio a essas normas que constituem o cânone, a herança institucionalizada da língua e da literatura. [...] O terceiro tipo de competência é o mais complexo e pode ser designado por ideológico, no sentido mais vasto da palavra. (HUTCHEON, 1985, pp.119-120)

A ironia captada no texto “As condecoradíssimas” denota um *ethos* envolto de sátira e marcado por um aspecto negativo e, por vezes, altamente pejorativo. Assim, o riso provocado por tal enunciado é, sem dúvida, escarneador, e o efeito do riso é provocado tanto por parte do enunciador, ao optar por certas formas de expressão (emprego de superlativos, por exemplo), como do próprio interlocutor, ao interpretar que não só não era merecida a “honrosa condecoração” às damas, como é deslavada a impunidade e a corrupção na política brasileira.

Em relação à corrupção captada no texto, destacamos, ainda, o emprego do estrangeirismo *doppelganger*, ou seja, Erenice Guerra seria uma “assistente”, mas no sentido pejorativo, pois, desmembrando a palavra em partes, teríamos:

- doppe (na gíria) = informação secreta
- gang = grupo
- –er = sufixo indicador de “pertencente” ao grupo

O texto em questão revela posicionamentos cujas adesões não são difíceis de ocorrer, uma vez que o discurso assume certos conceitos segundo a noção estereotipada. Assim sendo, no que se refere ao sistema, os casos de corrupção na política brasileira já são vistos como estereótipos, o leitor acaba se identificando com tais posicionamentos e também começa a considerar esse assunto como algo corriqueiro, pertencente à realidade brasileira, por isso a facilidade em assumir tal conjunto de representações sociais (país onde a corrupção impera) expresso no/pelo discurso. Segundo Maingueneau (2005, p.73),

O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela ‘doutrina’; as ‘idéias’ apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido. O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir ‘fisicamente’ a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre, em boa medida, do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados.

Com o objetivo de consubstanciar as posições teorizadas, na primeira parte deste artigo, e descritas até agora, na análise, identificamos os recursos linguísticos que desencadeiam e enfatizam o efeito de sentido irônico e humorístico do texto. O *ethos* revela-se no discurso por meio de procedimentos que envolvem recursos linguístico-argumentativos diversos. No texto selecionado, a intensificação predomina, dessa forma, explicitaremos, brevemente, esse recurso.

Muitos são os mecanismos que servem para intensificar a carga semântica de uma palavra, por exemplo: advérbios intensificadores, adjetivos intensificadores, expressões hiperbólicas, sufixos aumentativos, série sinonímica, repetição, entre outros. Focalizaremos, neste trabalho, o sufixo aumentativo –íssimo.

O grau superlativo absoluto sintético do adjetivo é formado, também, pelo acréscimo do sufixo –íssimo ao radical. Por exemplo: gelad + íssimo = geladíssimo. O grau aumentativo dos substantivos é formado por diferentes sufixos (–aço, –alha, –ao, –arra, –ázio, –ona, –aréu, entre outros), ou seja, o sufixo aumentativo –íssimo liga-se apenas ao adjetivo e não ao substantivo.

No texto em tela, foram utilizados dez adjetivos e três substantivos, todos com o sufixo adjetival –íssimo, portanto, o grau aumentativo é recurso linguístico-argumentativo predominante, instaurando a ironia que permeia todo o texto.

A seguir, elencamos as palavras com o sufixo –íssimo:

Adjetivos: meritíssimas, eminetíssimas, prodigiosíssimas, maravilhosíssimas, altíssima, poderosíssima, habilíssima, excelsíssima, honradíssimos, agradecidíssimos;

Substantivos: condecoradíssimas, respeitíssimo, apresentaçõesíssimas.

Conforme Basílio (2004, p.68), o grau aumentativo refere-se não só “à dimensão maior que o normal” como também “a outras dimensões, como a excelência e a intensidade” e apresenta duas funções: “a função expressiva e a função denotativa”, ou seja, “na função expressiva, formamos um aumentativo para expressar subjetiva ou retoricamente o impacto da dimensão, excelência ou intensidade de algo.”

Essa posição de Basílio é reafirmada por Lapa (1982, p.77):

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns dos sufixos.

A adjetivação presente no texto, claramente eufórica, melhorativa converte-se, ao acionarmos nosso conhecimento a respeito das personagens citadas, em qualidades disfóricas, contrariando a carga semântica positiva dos adjetivos utilizados, e legitimando a ironia e o humor.

A posição do adjetivo também influencia a trama argumentativa do texto, pois, segundo Martins (1989), o adjetivo anteposto é mais apreciativo e o posposto, normalmente, caracteriza o referente para classificá-lo ou defini-lo. No texto selecionado, a maioria dos adjetivos está anteposta, demonstrando a linguagem jocosa e contundente de um *ethos* extremamente irônico. Para a autora,

A colocação absolutamente predominante do adjetivo antes do substantivo só é encontrada em casos bem excepcionais. O mais comum é que num texto se misturem adjetivos pospostos e antepostos, em proporções variáveis, mas quase sempre predominam os pospostos. (MARTINS, 1989, p.166)

Para finalizar esta primeira parte referente ao adjetivo, reafirmamos a importância argumentativa dessa classe gramatical, na medida em que a indignação do locutor é marcada por uma adjetivação grandiloquente utilizada por um *ethos* irônico, pois esse transbordamento de adjetivos intensifica, ainda mais, o exagero inusitado pretendido pelo locutor, já que “a palavra fortemente conotada” pode, segundo Meyer (2008, p.225), “provocar reações de

rejeição [...] ou de adesão por parte do leitor-ouvinte. Essa aptidão é amplamente aproveitada pelos jornalistas [...].”

A série sinonímica também é um mecanismo altamente profícuo na construção da argumentatividade pretendida pelo *ethos*. Na primeira linha do texto, há quatro interjeições: “Salve, viva, aleluia, hosana”. Segundo Cunha e Cintra (1985, p.577), a “interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. [...] O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.” Nesta ocorrência, as quatro interjeições formam uma série sinonímica e indicam aclamação, saudação, e, mesmo sendo elementos emocionais, revelam um *ethos* ironicamente marcado.

Ao iniciar o texto com interjeições referentes ao discurso religioso, o locutor criou determinada expectativa no interlocutor, no entanto tal expectativa é quebrada quando o locutor continua seu discurso empregando uma adjetivação múltipla (cinco adjetivos), em tom sarcástico, para caracterizar o referente “condecoradas”.

Ao finalizar esta análise, reafirmamos a presença de um jogo irônico-linguístico que permeia todo o texto, revelando a primazia de um *ethos* marcado pela presentificação de um acontecimento incompatível (pelo menos no que deveria ser a concepção geral) com os propósitos éticos.

CONSIDERAÇÕES

O *ethos* é uma categoria sócio-discursiva, ou seja, não há como desvinculá-lo do discurso, afinal, todo discurso é marcado sócio-historicamente e revela uma identidade, um processo ideológico. Ao entender o *ethos* como uma noção presa ao discurso, não podemos, conseqüentemente, colocá-lo apenas como um processo intencional, isto é, trata-se de um processo interativo, mas que pressupõe um sujeito revelado por meio de sua formação discursiva e, de certa forma, livre para dizer o que diz de acordo com as condições de produção do discurso.

Maingueneau (2005, p.71), ao se referir, principalmente, aos discursos orais, afirma: “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele efetue a comunicação.”

O fato é que, além da predisposição de se construir o *ethos* com base no próprio gênero em questão (como, por exemplo, com o gênero charge, cujo objetivo principal é tecer

alguma crítica, de forma satírica, de um tema relacionado à política ou a uma situação específica), não podemos desprezar as habilidades do leitor ou, de acordo com a teoria da enunciação, do coenunciador, pois trata-se de um sujeito perfeitamente capaz de pensar na representação de um *ethos* e, conseqüentemente, da ideologia em questão.

No caso do texto analisado, é possível verificar a construção do *ethos* do enunciador referente à revista no qual o gênero é veiculado, isto é, é um enunciador que assume posição contrária ao sistema do governo da época e o faz, inclusive, de forma a empregar certo tom sarcástico. Há também a mobilidade do discurso sob o ponto de vista do(s) coenunciador(es), nesse sentido, o aspecto ideológico e sociocultural do povo brasileiro, isto é, um povo alegre, trabalhador, mas que sofre com os desmandos políticos e a falta de punição (principalmente no que se refere à corrupção) em seu país. Outra construção possível é com relação aos *éthe* das próprias damas (das “condecoradíssimas”) citadas no texto: mulheres cujos maridos estiveram envolvidos em um ou outro problema de ordem política, no entanto, apesar de elas nada terem feito ou propiciado para a evolução do Brasil, receberam importantes condecorações da Ordem de Rio Branco. Talvez seja esse o ápice da argumentatividade presente no texto, pois é por meio da ironia, do humor e dos recursos linguísticos que o discurso e seus efeitos de sentido são mobilizados e apreendidos.

Ao analisar a formação do *ethos* do texto, a ironia e os efeitos relacionados ao campo do humor, constatamos que o aspecto interacional da linguagem promove muito mais do que troca de informação e construção de saberes, promove também o reconhecimento de discursos (vozes), o interesse em detectar os dispositivos de enunciação e entender, de fato, que é por meio dos discursos que o argumento é formulado e o convencimento efetuado. Eggs (2005, p.39), ao comentar a respeito do *ethos* aristotélico seguindo uma visão pragmática mais moderna, afirma que são vários os exercícios argumentativos que se deve fazer para a construção do *ethos*:

Cheguei, portanto, a uma conclusão ‘contraditória’, mas simples: não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico. É preciso agir, argumentar estrategicamente para poder atingir a sobriedade moral do debate. Essas duas faces do *ethos* constituem, portanto, dois elementos essenciais do mesmo procedimento: *convencer pelo discurso*.

Além do respaldo da Análise do Discurso de orientação francesa, contamos também com o suporte dos estudos semânticos, principalmente no referente à práxis argumentativa. E, segundo Maingueneau (2008, p.81):

... seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciados serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo.

Assim, as palavras acabam assumindo determinado sentido sempre que empregada em determinado discurso, ou seja, dentro do universo polissêmico, haverá um sentido próprio àquele tipo de discurso.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- AS CONDECORADÍSSIMAS. *Revista Veja digital*, 28 de abril de 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/280410/gente.shtml>>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 3 ed. Tradução Maria Ermantina Galvão e revisão da tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1996.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia, humor e fingimento literário*. Resultado de pesquisa – ironia e humor em literatura. Belo Horizonte, 1994.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

- EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Tradução Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Tradução Freda Indursky. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- MEYER, Bernard. *A arte de argumentar*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- OLIVEIRA, Esther Gomes de. A argumentação na Antiguidade. *Signum – Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 5, p. 213-225, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3671/2962>>. Acesso em: 22 abr. 2013.
- OLIVEIRA, Esther Gomes de. Argumentação: da Idade Média ao Século XX. *Signum – Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 7, n. 2., p. 109-131, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3916/3144>>. Acesso em: 22 abr. 2013.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a Nova Retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1996 [1958].
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Criar, 2002.
- POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANTANA NETO, João Antonio de. Retórica e argumentação: um estudo da tríade. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., Rio de Janeiro, 2011. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n. 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 974- 981. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/85.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *DELTA*, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 55-82, fev. 1990.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the question of ethos in the discourse of humor and the argumentative mechanisms which consolidate the discursive positions of that ethos. The text that will form the corpus for the analysis was taken from the Brazil's *Veja* Magazine, edition of April 28, 2010, more particularly, in section People. Supported by theories of Discourse Analysis and Argumentative Semantics, the focuses are: a) the ethos, constructed at the time of the enunciation which attempts to create a reliable and persuasive image towards his interlocutor; b) the genre of humor that, nowadays, gained notoriety and became part of studies related to several areas, predominantly on the subject of reading and teaching; c) the argumentative resources, mostly the adjectivation and the use of the suffix *-issimo*, to the superlativization of adjectives and nouns; and other resources on a smaller scale, for example, the interjection, the foreign words and the synonymic series. Thus, it is intended to emphasize that the argumentative praxis mobilizes and connects these elements and it is responsible for expressing opinions, communicate values and obtain the support of the interlocutor.

Key words: Ethos. Humor. Argumentation.